

PERCEÇÃO DAS MÃES SOBRE AS INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM PROMOTORAS DA AMAMENTAÇÃO: IMPACTO NA SUA PREVALÊNCIA

Emília Coutinho

UICISA:E / SIGMA – Phi Xi Chapter
CI&DETS / Politécnico de Viseu. Portugal
ecoutinhoessv@gmail.com

João Duarte

UICISA:E / CI&DETS
Politécnico de Viseu. Portugal

Paula Nelas

UICISA:E / CI&DETS
Politécnico de Viseu. Portugal

Cláudia Chaves

Doutoranda em Ciências de Enfermagem
Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar
SIGMA – Phi Xi Chapter / CI&DETS
Politécnico de Viseu. Portugal

Odete Amaral

UICISA:E / CI&DETS
Politécnico de Viseu. Portugal

Rui Dionísio

SIGMA – Phi Xi Chapter / ESSV / Politécnico de Viseu
Unidade de Saúde Pública – ACES Dão Lafões. Portugal

Fecha de Recepción: 16 Abril 2019

Fecha de Admisión: 30 Abril 2019

RESUMO

Enquadramento: A promoção da amamentação afirma-se como estratégia de saúde pública com benefícios para a saúde da mãe e da criança. **Objetivos:** Analisar a relação entre a prevalência da amamentação em função da percepção das mães sobre as intervenções dos enfermeiros promotoras da amamentação. **Metodologia:** Estudo quantitativo, transversal, descritivo e correlacional, com uma amostra de 1102 mulheres de Portugal Continental, com uma média de idade 32 anos (dp ± 5.87). O instrumento de colheita de dados foi o questionário que permitiu fazer a caracterização sociodemográfica, caracterizar o bebé ao nascimento, a gravidez e a amamentação. Inclui ainda a escala Intervenções dos Enfermeiros Promotoras da Amamentação (Coutinho et al, 2016).

PERCEÇÃO DAS MÃES SOBRE AS INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM PROMOTORAS DA AMAMENTAÇÃO: IMPACTO NA SUA PREVALÊNCIA

Resultados: No que respeita à prevalência da amamentação e sua relação com a percepção das mães sobre as intervenções dos enfermeiros promotoras da amamentação, não se verificam diferenças estatisticamente significativas na amamentação aos seis meses. Pelo contrário, no que se refere à amamentação aos 24 meses, observam-se diferenças estatisticamente significativas ($p=0.000$) no grupo das mulheres que amamentam aos 24 meses e perceberam as intervenções dos enfermeiros como muito adequadas e no grupo das mulheres que não amamenta aos 24 meses e entendeu as intervenções como pouco adequadas. **Conclusão:** As intervenções dos enfermeiros são mais valorizadas pelas mulheres que amamentam durante mais tempo, pelo que a amamentação deve ser promovida precocemente levando a uma maior consciencialização da sua importância por parte das mulheres / famílias. Nesse sentido preconiza-se que o enfermeiro ajuste as suas intervenções em função de cada mulher.

Palavras-chave: amamentação; intervenções; enfermeiros; percepção; mães

ABSTRACT

Mothers' perception of the nursing interventions promoting breastfeeding: impact on its prevalence. Background: The promotion of breastfeeding is affirmed as a public health strategy with health benefits for the mother and child. **Objectives:** To analyse the relation between the prevalence of breastfeeding and the mothers' perception on the nurses' interventions in the promotion of breastfeeding. **Methodology:** A quantitative, cross-sectional, descriptive and correlational study with a sample of 1102 women from mainland Portugal, with a mean age of 32 years ($sd \pm 5.87$). The data collection method was a questionnaire which enabled the sociodemographic characterization, to characterize the baby at birth, the pregnancy and breastfeeding. It also includes the Nurses' Interventions to Promote Breastfeeding Scale (Coutinho et al, 2016). **Results:** As for the prevalence of breastfeeding and its relationship with the interventions of nurses promoting breastfeeding, there are no statistically significant differences in breastfeeding at six months. In contrast, breastfeeding at 24 months presented statistically significant differences ($p = 0.000$) in the group of women who breastfed at 24 months who perceived the nurses' interventions as being very adequate and in the group of women who do not breastfeed at 24 months and viewed the interventions as not adequate. **Conclusion:** Nurses' interventions are more valued by women who breastfeed for a longer period, so breastfeeding should be promoted early, leading to greater awareness of its importance by women / families. In this sense, it is recommended that nurses adjust their interventions according to each woman.

Keywords: breastfeeding; interventions; nurses; perception; mothers

INTRODUÇÃO

A prática do aleitamento materno é apontada por Batista, Farias e Melo (2013), como responsável pela prevenção de mais de 6 milhões de mortes de crianças com menos de um ano de idade. Se fosse praticado universalmente poderiam ser evitadas mais de 2 milhões de mortes. Isto porque, as vantagens do aleitamento materno sobre a alimentação artificial se apresentam em diferentes sentidos, destacando-se o imunológico, nutricional e morfofuncional conferindo à criança uma nutrição de alta qualidade e proteção contra infeções (Guedes, Filho & Taveira, 2015).

Apesar do reconhecimento mundial da superioridade do leite materno em relação ao leite artificial, sob o ponto de vista nutricional, imunológico e psicossocial, a prevalência do aleitamento materno tem sido flutuante ao longo dos anos. Nesta perspetiva e face a todos os argumentos relacionados com as vantagens do aleitamento materno, para a criança, para a mãe, para a família e para a sociedade em geral, seria expectável que a sua prática estivesse em pleno desenvolvimento. Contudo, a realidade no mundo é da persistência do desmame precoce, ou seja, a suspensão do

aleitamento materno aos 4 meses (Caminha, Serva, Arruda & Filho, 2010). No contexto internacional, a prevalência e duração do aleitamento materno são menores em países desenvolvidos e ainda assim nos países em desenvolvimento a prevalência do aleitamento materno é de 37% com grandes disparidades entre os mais pobres e os mais ricos (Oliveira, Boccolini, Faertein & Verly-Jr, 2017). Nos Estados Unidos da América verificou-se que 81,1% da população inicia aleitamento materno, porém só 22,3% são amamentados exclusivamente até aos seis meses (Meek & Hatcher, 2017).

Em Portugal, o Ministério da Saúde no seu Plano Nacional de Saúde 2012-2016, recomenda o incentivo desta prática e assume-a como um critério de qualidade dos cuidados de saúde perinatais, ou seja, o mesmo é olhado como o primeiro estilo de vida saudável na vida de uma criança, pelos benefícios que traz para o bebé e para a mãe. O mesmo documento pretende assegurar o acesso das mulheres aos cuidados pré-natais, fomentando a amamentação e enuncia ainda, um conjunto de políticas saudáveis relativas a diferentes fases da vida, nomeadamente, a gravidez e o aleitamento materno, referindo que deverá ser promovida a articulação entre os ministérios da solidariedade e segurança social, da economia e do emprego, com o objetivo de aumentar o período de licença da maternidade para seis meses, de modo a favorecer o prolongamento da amamentação (Direção Geral de Saúde, 2015).

As baixas taxas de aleitamento materno e o desmame precoce têm implicações desfavoráveis importantes para a saúde e para a estrutura social da mulher, da criança, da comunidade e do meio ambiente, resultando num aumento das despesas do serviço nacional de saúde, bem como no aumento das desigualdades em saúde.

Os estudos indicam uma incidência elevada de amamentação à nascença e uma baixa prevalência a partir do mês, mês e meio de vida. Indicam mesmo uma elevada incidência de amamentação na alta hospitalar (98,5%) e em exclusivo (65,2%), diminuindo consideravelmente no quarto mês (26,9%) de aleitamento exclusivo e (34,0%) de amamentação predominante (Sardo, 2016), aos seis as taxas de exclusividade variam entre 17 a 34%, longe do objetivo de 50% proposto pela OMS para 2010 (Lanzaro, 2015).

Muitos são os estudos que se têm realizado sobre esta temática, indagando-se os principais fatores de abandono precoce e da prevalência da amamentação no nosso país, ainda se encontrar aquém do preconizado pela OMS. Sabendo que se trata de um fenómeno complexo, sujeito a diferentes influências, que carece de aprendizagem e de ambientes favoráveis à sua concretização, mas que tem efeitos importantes a longo prazo no desenvolvimento da criança e na saúde da mãe como nenhum outro comportamento de saúde e considerando-se a importância do aleitamento materno e do enfermeiro na sua promoção, surge a presente investigação cujas questões investigativas que a orientam são: Qual a perceção das mães sobre as intervenções dos enfermeiros na promoção e proteção do aleitamento materno? Para responder a esta questão de investigação foi estabelecido o seguinte objetivo Identificar a perceção das mães sobre as intervenções dos enfermeiros na promoção e proteção do aleitamento materno.

Segundo a Ordem dos Enfermeiros, a promoção da saúde é uma das competências do enfermeiro, pelo que o profissional tem que reconhecer "o potencial de educação para a saúde nas intervenções de enfermagem. Aplica o conhecimento sobre estratégias de ensino de aprendizagem nas interações com os indivíduos, as famílias e as comunidades e avalia a aprendizagem e a compreensão acerca da saúde" (Ordem dos Enfermeiros 2004, pág. 20).

Existe um número de intervenções e práticas dos profissionais de saúde e especificamente dos enfermeiros que têm impacto na amamentação. O sucesso do aleitamento materno não depende apenas da aquisição de conhecimentos e práticas, mas também das intervenções dos profissionais

PERCEÇÃO DAS MÃES SOBRE AS INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM PROMOTORAS DA AMAMENTAÇÃO: IMPACTO NA SUA PREVALÊNCIA

de saúde. Os estudos têm demonstrado que se a mulher recebe informações contraditórias ou mesmo negativas relativamente à amamentação, ou com sugestão à suplementação têm maior probabilidade de abandonar a amamentação. Acresce que a experiência pessoal dos enfermeiros na amamentação condiciona em grande medida a atitude demonstrada, servindo-se frequentemente do seu exemplo pessoal. Na sua pesquisa científica, Anstey (2013) refere que as mulheres consideram uma *presença autêntica* aquela em que existe empatia por parte do profissional de saúde, des preocupado em relação ao tempo, com recurso ao toque e informação clara, com uma assistência prática e encorajamento. Por outro lado, a inconsistência do aconselhamento na amamentação gera frustração e confusão nas mulheres que estão a experimentar desafios em iniciar ou estabilizar a amamentação.

A família, a comunidade, a sociedade em geral entre os quais se inserem os profissionais de saúde, serão determinantes da promoção e manutenção do aleitamento materno.

METODOLOGIA

O presente estudo é de natureza quantitativa, transversal, descritivo e correlacional. Pretendeu-se analisar a relação entre a prevalência da amamentação em função da percepção das mães sobre as intervenções dos enfermeiros promotoras da amamentação.

A amostra é constituída por 1102 mulheres de Portugal Continental, sendo o critério de inclusão mulheres que foram mães há pelo menos dois anos. Na seleção da amostra, optou-se por uma amostragem do tipo não probabilista e por conveniência constituída pelas mães que voluntariamente manifestaram interesse em participar. Foi critério de exclusão as mães que pela sua condição de saúde ou do seu filho foram impedidas de amamentar.

Para operacionalizar o objetivo estabelecido, escolheu-se como método de colheita de dados o questionário, preenchido diretamente e de forma voluntaria pelas mulheres, constituído pela caracterização sociodemográfica, características do bebé ao nascimento, características da gravidez: aleitamento materno e a Escala de Intervenções dos Enfermeiros Promotoras da Amamentação (Coutinho et al, 2016).

A Escala, Intervenções dos enfermeiros promotoras da amamentação, é constituída por 22 itens, organizado em escala ordinal tipo Likert onde as possibilidades de resposta oscilam num continuum de 0 a 5 sendo que a cotação zero (0) corresponde a não se aplica, um (1) nunca, dois (2) raramente; três (3) às vezes; quatro (4) frequentemente; cinco (5) sempre. O score pode variar de um mínimo de 0 pontos a um máximo de 110 pontos, sendo que quanto mais alta for a pontuação melhor é a intervenção do enfermeiro. Este score será entretanto convertido num score percentual que oscila entre zero (0) e cem (100) através da seguinte formula (score bruto- score mínimo esperado) /amplitude)* 100. Desta forma, as intervenções dos enfermeiros promotoras da amamentação foram classificadas como pouco adequadas, adequadas e muito adequadas, em função do score obtido. Quanto aos Procedimentos éticos e formais é de referir que todo o processo de pesquisa, relativo à presente investigação pautou-se por uma rigorosa conduta ética. Para esta investigação obteve-se a autorização da Comissão Nacional da Proteção de Dados e das Comissões de Ética da ARS Norte e Centro para a aplicação do instrumento de recolha de dados. Foi garantida a confidencialidade de dados.

O tratamento estatístico foi processado no programa de estatística SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 24.0 de 2017 para Windows.

Caracterização sociodemográfica

Os dados obtidos em relação à idade revelam, para a globalidade da amostra, uma idade mínima de 18 anos e uma máxima de 46 anos, ao que corresponde uma idade média de 32 anos, com

um desvio padrão de 5.87 anos. O coeficiente de variação indicia uma dispersão elevada face às idades médias encontradas e os valores de assimetria e curtose indicam que a amostra apresenta uma distribuição normal para a globalidade da amostra. A quase totalidade da amostra possui companheiro (93.1%); 50.5% das participantes têm escolaridade igual ou superior ao 12º ano; em maioria as participantes com profissões técnicas (35.6%), salientando-se que as profissões indiferenciadas apresentam uma representatividade de 29.2%, mais expressiva entre as mulheres com idade inferior a 35 anos (34.6%). Verifica-se também que 83.9% da amostra está empregada, a maioria das participantes (51.5%) auferem entre 500 a 999 euros por mês; há um predomínio de participantes residentes no meio urbano (64.7%); 45.1% das participantes possui um agregado constituído por três pessoas, seguindo-se 38.5% das mulheres cujo agregado familiar é constituído por quatro pessoas.

RESULTADOS

Sendo a amamentação aos seis meses de idade uma recomendação da OMS, amplamente aceite e a sua manutenção até aos 24 meses, quando possível, uma mais-valia largamente demonstrada para a saúde da mãe e criança, procurou demonstrar-se a prevalência da amamentação nestas idades e relacioná-la com as diferentes variáveis em estudo.

Desta forma, pela leitura da tabela 1, conclui-se que 69.1% das inquiridas amamenta aos seis meses de vida do seu bebé, porém apenas 13.2% o faz aos 24 meses. O que determina que 86.8% dos bebés aos 24 meses já não são amamentados.

Tabela 1- Prevalência da amamentação aos 6 e 24 meses

Prevalência da amamentação	Sim		Não		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Amamenta aos 6 meses	762	69.1	340	30.9	1102	100.0
Amamenta aos 24 meses	145	13.2	957	86.8	1102	100.0

A tabela 2 apresenta a distribuição da amamentação aos 6 e 24 meses em função das atitudes dos enfermeiros promotoras da amamentação. Verifica-se que 63.3% das mães que amamentam aos seis meses considerou as atitudes dos enfermeiros pouco adequadas. Quanto às que as consideraram adequadas 71.0% amamentavam aos seis meses e destas 67.8% considerou as atitudes como muito adequadas. Para a amamentação aos seis meses não se observam diferenças estatisticamente significativas.

Pelo contrário, no que se refere à amamentação aos 24 meses, observam-se diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2 = 18.334$, $p = 0.000$) no grupo das mulheres que amamentam aos 24 meses e percecionaram as atitudes dos enfermeiros como muito adequadas (20.0%, $res. = 4.1$) e no grupo das mulheres que não amamenta aos 24 meses e entende as atitudes como pouco adequadas (91.4%, $res. = 2.8$).

PERCEÇÃO DAS MÃES SOBRE AS INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM PROMOTORAS DA AMAMENTAÇÃO: IMPACTO NA SUA PREVALÊNCIA

Tabela 2- Prevalência da amamentação aos 6 e 24 meses em função das intervenções dos enfermeiros promotoras da amamentação

Prevalência da Amamentação	Pouco adequadas		Adequadas		Muito adequadas		Total		X ²	P
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
Amamenta aos 6 meses	204	67,3	358	71,0	200	67,8	762	69,1	1,562	0,458
Não amamenta aos 6 meses	99	32,7	146	29,0	95	32,2	340	30,9		
Amamenta aos 24 meses	26	8,6	60	11,9	59	20,0	145	13,2	18,334	0,000
Não amamenta aos 24 meses	277	91,4	444	88,1	236	80,0	957	86,8		

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A decisão de amamentar e o sucesso do aleitamento materno dependem de diversos fatores de ordem física, psicológica, social e cultural. As intervenções de promoção realizadas pelos enfermeiros nos diferentes contextos têm uma importância determinante.

Verificou-se que das mulheres, inquiridas neste estudo, 35,0% refere que os enfermeiros sempre estabeleceram consigo uma relação que favoreceu a sua decisão em amamentar, 43,6% refere que os enfermeiros sempre se mostraram disponíveis para ajudar na iniciação da amamentação e 41,2% referem que sempre mostraram compreensão face às dificuldades que manifestadas. De igual modo, 43,6% assume que as informações que os enfermeiros lhe forneceram sempre as ajudaram na amamentação e 48,6% diz que os enfermeiros sempre as encorajaram a amamentar. Por outro lado, os enfermeiros respeitaram sempre a vontade e a decisão sobre amamentação das mulheres (49,1%). E 38,6% assume que sempre ou frequentemente (27,7%) os enfermeiros se aproximaram para ajudar a amamentar.

A maioria das inquiridas (45,7%) considera as intervenções dos enfermeiros como adequadas relativamente à promoção do aleitamento materno, 26,8% julga-as como muito adequadas e 27,5% pouco adequadas. Resultados semelhantes foram apurados no estudo de Castro, Silva e Silva (2015) em que as práticas na promoção do aleitamento materno experienciadas por 43,2% das mães foram consideradas como razoáveis e em 29,5% das mães foram consideradas más e as experiências de 27,3% foram classificadas como boas.

No que respeita à prevalência da amamentação e sua relação com as intervenções dos enfermeiros promotoras da amamentação, não se verificam diferenças estatisticamente significativas na amamentação aos seis meses. Pelo contrário, no que se refere à amamentação aos 24 meses, observam-se diferenças estatisticamente significativas ($X^2=18,334$, $p=0,000$) no grupo das mulheres que amamentam aos 24 meses e percecionaram as intervenções dos enfermeiros como muito adequadas (20,0%, $res.=4,1$) e no grupo das mulheres que não amamentam aos 24 meses e entende as intervenções como pouco adequadas (91,4%, $res.=2,8$). Vários estudos destacam o enfermeiro como agente disseminador da promoção, do incentivo e apoio ao aleitamento materno, salientando-se o acolhimento, a comunicação e o processo educativo em saúde, como ferramentas utilizadas na intenção de promover o estímulo e a adesão das mães à amamentação (Marinho, Andrade &

Abraão, 2015). Um estudo realizado na Austrália indica a cessação da amamentação antes das 10 semanas está associada a uma “fraca” ajuda das enfermeiras (OR-2.09; 95% IC-1.31-3.36) (Raheem, 2014).

Na sua revisão de literatura Miranda, Zangão e Risso (2017) identificam como intervenções de enfermagem promotoras para o sucesso do aleitamento materno, o incentivo emocional e o suporte concreto na amamentação em ambiente hospital e domiciliário, revelando evidência de que quem recebe estes dois tipos de apoio tem maior satisfação, e se verificarem verificam maiores taxas de sucesso de aleitamento exclusivo. Santos et al (2017) concluíram que as intervenções do enfermeiro são determinantes na promoção do aleitamento materno e na prevenção do abandono precoce.

CONCLUSÃO

A pertinência do estudo do aleitamento materno decorre do facto de ser encarado como uma prioridade de saúde. A sua prática é uma recomendação mundial de Saúde Pública, sendo reconhecido o importante papel dos enfermeiros na sua promoção, proteção e apoio nos diferentes contextos, mantendo sempre uma preocupação com o desenvolvimento de competências de comunicação e relacionais, aquisição e incorporação na prática de conhecimentos científicos atualizados. No que concerne às prevalências de amamentação apuradas, as maiores encontram-se até aos seis meses de idade, sendo de 95% ao mês de vida, 87.3% aos três meses e 69.1% aos seis meses. Como tem sido demonstrado noutros estudos esta é uma tendência em Portugal como nos restantes países. As medidas instituídas a nível hospitalar com vista à promoção do estabelecimento da amamentação têm-se revelado eficazes, pelo que ao mês de vida a prevalência da amamentação é bastante satisfatória. Porém, torna-se evidente a necessidade de reforço das medidas que apoiem as mulheres na manutenção da amamentação e mais ainda no seu regresso à vida profissional. Aos seis meses, 69.1% dos bebés são amamentados e aos nove meses apenas 53.7% o são. Impõe-se o ensinamento das mães dos recursos existentes para extração e conservação do leite materno e a sensibilização da sociedade para a importância da manutenção do aleitamento materno além dos seis meses de idade, adotando-se políticas de proteção efetivas à amamentação.

A maioria das inquiridas (45.7%) considera as intervenções dos enfermeiros como adequadas relativamente à promoção do aleitamento materno, 26.8% julga-as como muito adequadas e 27.5% pouco adequadas, contudo estes resultados ficam aquém do esperado, dada a prioridade assumida relativamente ao aleitamento materno nas políticas de saúde. O que levanta a questão do porquê as intervenções serem percecionadas dessa forma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anstey, E. H. (2013). Factors related to the professional management of early breastfeeding problems: Perspectives of lactation consultants. Graduate theses and dissertations, University of South Florida, Scholar Commons in <https://scholarcommons.usf.edu/etd/4860>
- Batista, K. R. A., Farias, M. C. A. D., Mello, W.S. N. (2013). Influência da assistência de enfermagem na prática da amamentação no puerpério imediato. Saúde em debate, vol.37, n.96, Centro Brasileiro de Estudos de Saúde, Rio de Janeiro, Brasil, janeiro –março, 2013.
- Caminha, M. F.C., Serva, V. B., Arruda, I. K.G., Filho, M. B, (2010). Aspetos históricos, científicos, socioeconômicos e institucionais do Aleitamento Materno. Revista Brasileira Saúde Materna Infantil., Recife, 10, Janeiro-Março, 2010.
- Coutinho et al (2016). Prevalência da Amamentação. Motivação, dificuldades e a ajuda dos enfermeiros. PROJ/CI&DETS/2015/0017

PERCEÇÃO DAS MÃES SOBRE AS INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM PROMOTORAS DA AMAMENTAÇÃO: IMPACTO NA SUA PREVALÊNCIA

- Direção-Geral de Saúde (2015). Programa Nacional para a Vigilância da Gravidez de Baixo Risco. Lisboa.
- Guedes, A. C.B.S., Filho, L. C. P. S., Taveira, J. (2015). Amamentação: uma reavaliação dos benefícios. Sociedade de Patologia de Tocantins. Revista Patologia de Tocantins, v 2 n 2 p.8-14.
- Lanzaro, C., Santos, P., Guerra, A., Hespanhol, A. P., Esteves, M. J. (2015). Prevalência do Aleitamento Materno: Comparação entre uma População Urbana e uma População Rural do Norte de Portugal. Acta Pediatrica Portuguesa n.46. 2015.
- Marinho, M. S., Andrade, E. N., Abrão, A. C. F. V. (2015). A atuação do(a) enfermeiro(a) na promoção, incentivo e apoio ao aleitamento materno- revisão bibliográfica. Revista Enfermagem Contemporânea. Jul./Dez. 2015.
- Meek, J.Y., Hatcher, A.J. (2017). The breastfeeding- friendly pediatric office practice. Pediatrics. Vol.139, N.5 Maio, 2017.
- Miranda, L.; Zangão, O.; Risso, S. (2017). O papel do enfermeiro no sucesso para o aleitamento materno- Revisão da literatura. RIASE Revista Ibero-Americana de Saúde e Envelhecimento, vol.3, nº1, 2017.
- Oliveira, S.; Boccolini, C. S.; Faestein, E.; Verly- Jr, E. (2017). Duração do Aleitamento materno e fatores associados entre 1960 e 2000. Jornal de pediatria, n2- vol93, marzo-abril 2017, Sociedade Brasileira de pediatria, Porto Alegre, Brasil.
- Ordem dos Enfermeiros, (2004). Divulgar, Competências do Enfermeiro de Cuidados Gerais, (Conselho de Enfermagem). Lisboa: Sociedade Gráfica;
- Raheem, R.A. (2014). A cohort study of postnatal depression, infant feeding practices and infant growth in Male', the Republic of Maldives. Thesis presented for the degree of doctor of philosophy of Curtin University, School of Public Health, 2014.
- Santos, A.; Araújo dos Santos, G.; Siqueira, S. (2017). Ações desencadeadas pelo enfermeiro para promoção do aleitamento materno e prevenção do desmame precoce. Revista Brasileira da Saúde Funcional, Vol. 1, Nº1, Junho 2017.
- Sardo, D. (2016). Intrinsic and extrinsic motivation to breastfeed scal: adaptation and validation for portuguese population. Procedia-Social and Behavioral Sciences 217, Elsevier Ltd, 2016.